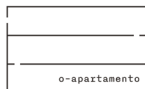


Rub' al Khali [Empty Quarter]

Pauliana Valente Pimentel

14 dezembro - 14 fevereiro

Em 2015 fui convidada pela curadora Marie Loffreda para desenvolver um projecto fotográfico sobre o Dubai. O intuito foi construir uma memória visual, registando situações do quotidiano, situando a imagem fotográfica entre o documental e a poesia, num registo enraizado na tradição de Robert Frank, de William Eggleston, de Walker Evans, Stephen Shore ou Alec Soth onde a deambulação resulta numa mistura ecléctica de indivíduos, paisagens e de interiores. Visualmente o que mais me fascinou foi o lado de sonho, o lado plástico e não real que se confunde com a própria realidade. Interessou-me em particular fotografar os locais, os Emiratis e tentar tocar a forma como vivem a sua intimidade. Não consegui ficar indiferente à maneira como esta cidade dos Emirados Árabes Unidos evoluiu em tão poucos anos graças ao petróleo e comércio, brotando das areias do deserto da arábia. Pauliana Valente Pimentel, Dubai 2015



SUPERFICIE
PICTÓRICA

o-apartamento

Pauliana Valente Pimentel

entre a imagem e um “imaginarium” do Dubai

por David Santos

No longínquo ano de 1940, falava em surdina um baú inesgotável chamado “O Livro das Passagens”. Aí, como prestidigitador das transformações modernas sobre a produção imagética na era da sua reprodutibilidade técnica, Walter Benjamin fazia luz sobre o poder mágico e epistemológico da imagem, não necessariamente apenas fotográfica, mas em nítida relação com esta: “imagem [diz ele] é aquilo onde o Outrora encontra o Agora num clarão, formando uma constelação. Por outras palavras, a imagem é a dialética imobilizada. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do Outrora com o Agora é dialética: não de natureza temporal, mas imagética.” Deste modo identificada, assim nascia a consciência do devir desse vaivém que nos imobiliza perante o magistério do encantamento. E com a fotografia, todos jogamos desde os primórdios na assunção “dialética” de um novo mas poderoso “imaginarium”, aquele que, apesar de preso ao real desde a sua origem, (resultado milenar do ímpeto mimético e figurativo que atravessa o desenho das cavernas ao exercício fotográfico), promoveu desde meados do século XIX, entre o inefável “clarão” do “Outrora” no “Agora” e a sua poderosa transcendência, o desenvolvimento babélico do “inferno” arquivista - afinal, o insaciável desígnio da nossa era, mantendo-nos ligados ainda hoje, cada vez mais, a uma “febre de arquivo”, como assinalou Jacques Derrida nos meados dos anos 90, e a que o éter da internet, a partir da elaboração crescente e imediatista de motores de busca como o google, veio trazer a possibilidade de uma verdadeira explosão global e democratizante.

O “clarão” que Pauliana Valente Pimentel nos oferece com a sua nova série sobre uma temporada no Dubai, mesmo se não contraria o impulso contemporâneo de produzir mais e mais imagens, contribuindo assim para a exponenciação do nosso arquivo coletivo, recentra-nos perante a ideia de um “outro” ainda algo impenetrável, que, apesar de partilhar connosco muitos aspetos de um mundo que é hoje cada vez mais global, próximo e semelhante, se dá a ver até onde lhe é possível, a partir da sua própria e assumida distância. E nesse jogo justamente se esconde um “outro” a cada dia mais híbrido, simultaneamente estranho e familiar, sem que possamos falar aqui, a propósito destas imagens, de uma entrega voluntária desse “outro” arábico à observação da fotógrafa. A ausência de uma comunhão mais forte e essencial a este processo de trabalho percebe-se na frustração aqui e ali dessa intensidade que Pauliana persegue junto das pessoas que com ela se cruzam e que desta vez a obrigaram a um exercício suplementar de contorno sobre o real, arrancando mesmo assim alguns gestos de genuína disponibilidade momentânea. Depois da Grécia, do Cáucaso ou de Cabo Verde, onde a verdade de uma entrega se

sublimou na produção de conjuntos, ou “constelações”, de intenso diálogo e partilha mútua, o Dubai revelou-se um desafio maior e na série restrita que agora se expõe, Pauliana encontrou paradoxalmente maior solidez e promessa de significação nas entranhas de um real físico e quase inanimado, no foco sobre o pormenor de inesperadas ligações entre objetos, circunstâncias de uma temporalidade efémera ou referencias paisagísticas – no deserto ou na cidade nova – que operam uma subtil mas igualmente encantatória relação entre o visível administrado pela oficialidade política e social do Dubai e as surpresas de uma atmosfera quase inusitada, desenhada por quem vem de uma outra realidade e possui um olhar fotográfico em parte inspirado por outras referências culturais, mas que, apesar dos contrastes facilmente identificáveis, as pretende cruzar com essa dimensão local de uma forma produtiva e eficaz do ponto de vista de uma alteridade possível, alcançada por esse “imaginarium” que só a fotografia consegue aprofundar.

Ora, será essa mesma dança visual, par a par, onde o paradoxo se exhibe e manifesta como um exótico hesitante ou transformado, a conduzir o projeto mais recente de Pauliana Valente Pimentel. A artista investe desta vez muito mais no registo e na atenção aos cruzamentos que a realidade produz perante a distração humana ou a incapacidade de reconhecimento desses projetos megalómanos que prometem o domínio absoluto da natureza e do acaso, sem darem conta de como estes se manifestam a cada esquina, a cada disrupção ou força ancestral da própria vida. Enleando-se no desígnio do desconhecido, ao pular entre a sua expressão social ou étnica e o fulgor da significação das mais insuspeitas relações marcadas por gestos e experiências quotidianas, furando nos interstícios da casualidade os espectro sempre ocasionais mas reveladores da beleza e do poder que nos rodeia sem darmos conta, Pauliana supera a barreira do humano, da natureza figural ou do seu olhar direto (ainda que uma das mais fortes imagens desta série assim o reassuma), para se entregar com máxima disponibilidade ao exercício de identificação dessa poética dos lugares e dos seus vestígios de humanidade ou descontrolo. Entre a imagem que no Ocidente temos de um lugar pujante mas algo alegórico ou barroco no seu jorro de riquismo petrolífero, e o “imaginarium” que Pauliana aprofundou nos recantos inauditos desse crescimento desenfreado que o lugar, a natureza e a cidade continuam a ampliar enquanto espécie de laboratório de um tardo-capitalismo que ostenta sem pudor o seu magistério global, talvez resida o ponto focal ou a distância que nos condiciona mas impele ao mesmo tempo a uma leitura do “outro”, sabendo todos, uns e outros, cada uma à sua maneira, como é desses encontros e desencontros que se fazem as relações entre as pessoas, entre os povos e as culturas. E ainda, desse modo próprio, aquilo a que chamamos o arquivo ou a memória da humanidade.

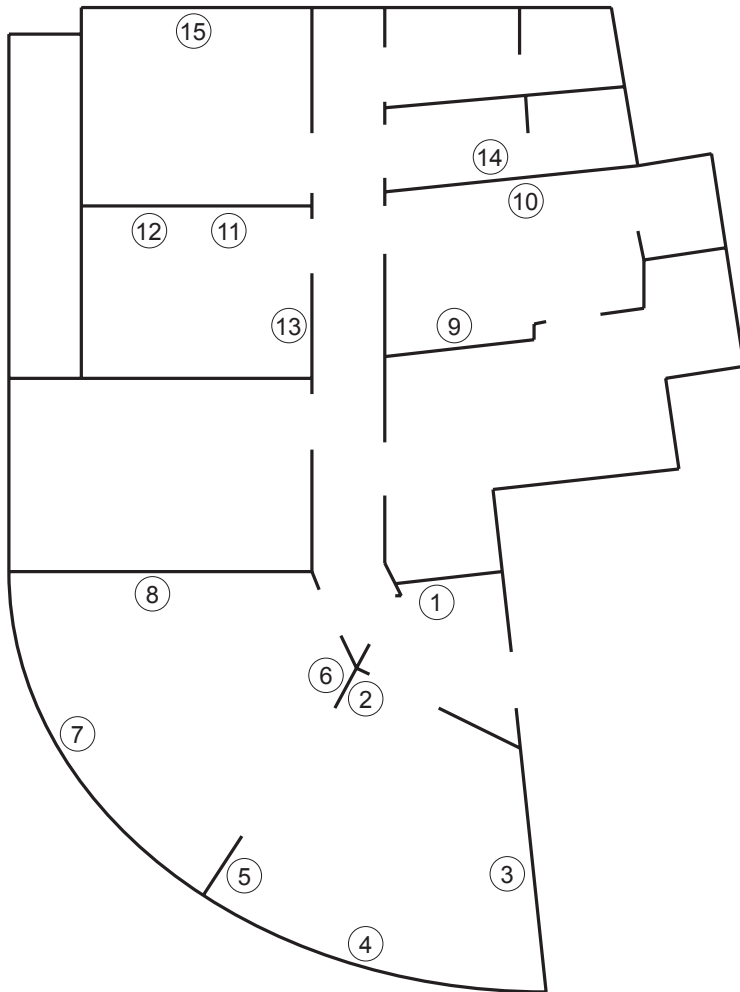
Nota 1- Cf. Walter Benjamin, *Passagens*, (1927-1940), (Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão e revisão de Patrícia de Freitas Camargo), Belo Horizonte/São Paulo, Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Nota 2 - Cf. Jacques Derrida, *Mal d'Archive: une impression freudienne*, Paris, Gallilée, 1995.

Rub'al Khali [Empty Quarter]

Pauliana Valente Pimentel

14 dezembro - 14 fevereiro

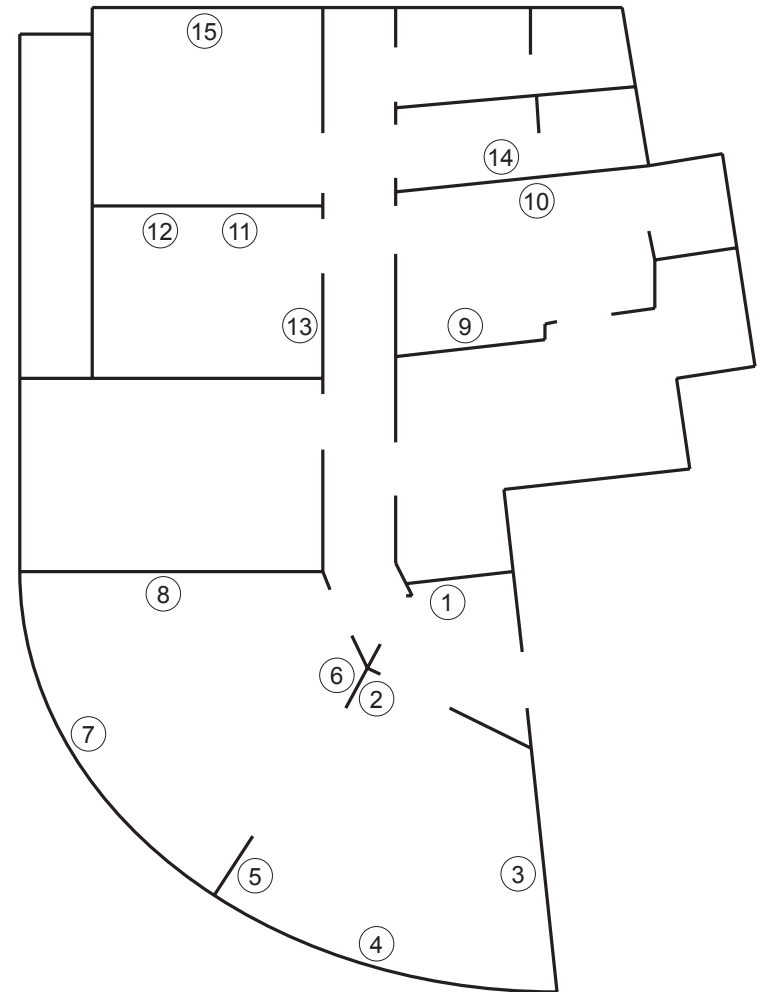


o-apartamento

Rub'al Khali [Empty Quarter]

Pauliana Valente Pimentel

14 dezembro - 14 fevereiro



o-apartamento

